

Diário de Petrópolis, 12 de Junho de 2023

## **O Ciclo das Commodities Está Terminando**

Por: Ronaldo Fiani

Muitos economistas frequentemente ignoram o ambiente político no momento de desenvolver suas análises e prognósticos. Isto é um grave erro, especialmente ao se analisar as tendências da economia global.

Países menos desenvolvidos (como o Brasil) desfrutaram por três décadas de um ciclo excepcional de elevação dos preços dos produtos primários, as chamadas commodities, ou seja, produtos pouco elaborados tais como matérias-primas, alimentos, combustíveis etc. Estas commodities constituem o grosso da pauta de exportação brasileira e de vários países menos desenvolvidos. Este ciclo garantiu rendas elevadas e crescentes aos produtores de commodities, mesmo quando, como no caso brasileiro, a moeda local (o real) se valorizava em relação ao dólar, o que tendia a reduzir o valor final recebido pelo exportador.

Ocorre que o ciclo de elevação dos preços das commodities foi resultado de um ambiente político internacional em que os investimentos, e até os deslocamentos de empresas norte-americanas para a China eram bem-vistos por parte do governo dos Estados Unidos, visando à competitividade das empresas norte-americanas no mercado global. Estes investimentos e deslocamentos, somados aos investimentos e deslocamentos de empresas europeias e às escalas gigantescas que existem na China transformaram o país asiático em um motor excepcional de crescimento, que demandava cada vez mais commodities e, assim, fez seus preços crescerem exponencialmente.

Mas este ciclo excepcional está terminando. O fim deste ciclo é produto da crescente tensão nas relações entre Estados Unidos e China (<https://exame.com/mundo/tensoes-entre-eua-e-china-voltam-a-escalar-o-que-esta-em-jogo/>), a partir de medidas que se iniciaram com as sanções comerciais impostas pelo ex-presidente Donald Trump em 2018 e que prosseguiram com várias outras sanções comerciais, incluindo microcircuitos e até com o abate de pretensos balões de espionagem e manobras militares no Mar do Sul da China.

Já discuti, em outros artigos, os efeitos do aumento destas tensões sobre a reorganização das cadeias globais de valor, especialmente as cadeias de produtos eletrônicos e de outros manufaturados, como automóveis e vestuário, (ver O Impacto da Geopolítica nas Cadeias Globais de Valor e na Economia Mundial, em <https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-204852>), e destaquei as possibilidades de inserção do Brasil nestas cadeias, atualmente muito limitadas (ver As Possibilidades do Brasil nas Cadeias Globais de Valor, em <https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-209587#:~:text=Ronaldo%20Fiani%20Afirmei%20no%20%C3%BAltimo%20artigo%20que%20o,produtos%20para%20compor%20os%20produtos%20de%20outras%20empresas>).

Hoje vou destacar o efeito das tensões entre Estados Unidos e China sobre o comércio internacional de commodities, nas quais o Brasil concentra suas exportações. Com efeito, há fortes motivos para se acreditar que países exportadores de commodities como o Brasil vão enfrentar sérios problemas com o agravamento destas tensões.

A principal consequência problemática para o comércio internacional de commodities está sendo a desaceleração do comércio global, provocada pelo

aumento das tensões entre as duas potências. Em 2021 a China era o terceiro maior parceiro comercial dos Estados Unidos, logo após o Canadá e o México, com pouco mais de US\$ 151 bilhões. O aumento da tensão vai impactar o comércio entre os dois países, e com isto se refletir negativamente no comércio mundial. Com efeito, após crescer 2,7% no ano passado, a Organização Mundial do Comércio (OMC) estima que o comércio global vá crescer apenas 1,7% este ano.

Como o preço das commodities é determinado pela sua demanda, este impacto adverso no comércio global está refletindo negativamente em seu preço. Em termos mais gerais, de acordo com o Banco Mundial, o preço das commodities já caiu 14% no primeiro trimestre deste ano. A previsão é de que estes preços caiam mais 21% este ano, a maior queda prevista desde a pandemia, devendo permanecer estáveis no ano que vem, mas em um ambiente de forte incerteza.

Também no caso da energia, de acordo com o Banco Mundial, os preços devem se situar em média 23% mais baixos do que em 2022, com perspectiva de estabilidade em 2024. Já os preços dos alimentos devem apresentar uma queda de 8% em 2023 e 3% em 2024. Todas estas previsões estão sujeitas a variações imprevistas, podendo alguns preços individuais apresentarem elevações, em função de crises na oferta. Mas a tendência geral parece ser de queda.

Isso pode não parecer muito preocupante, uma vez que os preços das commodities estão em níveis bastante elevados. Mas é importante ir além das previsões para um ano ou dois, e perceber que se trata do final de um ciclo, provocado por uma mudança drástica no ambiente político internacional, que foi construído desde os anos 1990 e não existe mais.

O ciclo das commodities está terminando, porque o mundo globalizado está acabando.

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-240560>